

NARRATIVA ORAL E PROSÓDIA

PROSODY AND ORAL NARRATIVE

Waldemar FERREIRA NETTO¹

Resumo: Vansina propôs que as formas orais da transmissão tradicional do conhecimento estabelecessem distinção entre forma e conteúdo de um lado, e liberdade e fixidez de outro: a narrativa compreendendo o improviso prosódico e lexical, e o poema, rejeitando o improviso. Poema e narrativa, segundo Jakobson, diferem exclusivamente quanto à mensagem, deixando referências fregianas e interpretantes peircianos além de seu escopo. Na medida em que variações prosódicas e lexicais não atingem referências, a narrativa se caracteriza como uma sucessão de eventos representados simbolicamente. Na fala, a produção da voz e as representações lexicais estabelecem dois sistemas que se integram no ritmo tonal: a sustentação da voz condiciona-se com as condições do falante e a distribuição lexical decorre do acordo entre as necessidades expressivas do falante e as possibilidades de construção sintática que a língua apresenta. Em narrativas orais, a integração desses sistemas permite-nos associar a entoação na fala com a entoação musical: finalizações autênticas visam a um tom descendente finalizador, enquanto que finalizações plagais não buscam esse mesmo tom, reproduzindo na fala a mesma tendência que se verificou para a música ocidental.

Palavras-chave: narrativas orais; entoação; português do Brasil

Abstract: Vansina proposed that the oral forms of the traditional transmission of knowledge should distinguish between form and content on the one hand, and freedom and fixity on the other: the narrative comprising prosodic and lexical improvisation, and the poem, rejecting improvisation. Poem and narrative, according to Jakobson, differ exclusively in the message, leaving Fregian references and Peircean interpretants beyond their scope. To the extent that prosodic and

¹ Professor Titular da Universidade de São Paulo. E-mail: wafnetto@usp.br.



lexical variations do not reach references, the narrative is characterized as a succession of events represented symbolically. In speech, the voice production and the lexical representations establish two systems that integrate into the tonal rhythm: the support of the voice is conditioned by the conditions of the speaker and the lexical distribution derives from the agreement between the expressive needs of the speaker and the possibilities of syntactic construction of the language. In oral narratives, the integration of these systems allows us to associate intonation in speech with musical intonation: authentic finalizations aim at a finalizing descending tone, while plagal finalizations do not seek the same tone, reproducing in speech the same tendency as for the western music.

Keywords: oral narratives; intonation; Brazilian Portuguese;

Introdução

Narrativas parecem ser uma das características universais das manifestações humanas. Com extrema diversidade quanto a temas, linguagens e estratégias de realização, são uma série temporal que correlaciona eventos e suas representações simbólicas. Bruner definiu essa característica das narrativas como *Hermeneutic composability* ‘Composicionalidade Hermenêutica’ (BRUNER, 1991). Trata-se de uma hipotética propensão cognitiva para tratar sequências de percepções da realidade como transformações da mesma realidade. No início do século XX, a proposta teórica da Gestalt já considerava isso como uma das capacidades perceptivas humanas (WERTHEIMER, 1938) e, no século XVIII, David Hume havia proposto que “A mente humana é construída unicamente pelas percepções sucessivas” (HUME, 2009: 285). No âmbito dessas propostas, as narrativas ocorreriam como recuperações simbólicas de percepções sucessivas devidamente memorizadas.

Se tomamos narrativas como representações simbólicas de percepções, estamos igualmente tomando o narrador como testemunha dos fatos narrados. Por se tratar de fenômeno simbólico, podemos explorar a noção de símbolo. O preceito tradicional para o símbolo pressupõe-no formado por três elementos: *Zeichen*, *Sinn* e *Bedeutung* (Frege, 1978) ‘símbolo, sentido e referência’, para Gottlob Frege; e *representamen* ‘representamem’, *interpretant* ‘interpretante’ e *object* ‘objeto’ (Peirce, 1974) para Charles Peirce. Embora os signos de Frege e de Peirce pareçam semelhantes quanto à materialidade, pois o *Bedeutung* fregiano e o objeto peirciano são semelhantes, o elemento manipulável – o *Zeichen* fregiano e o *Representamen* peirciano – foram tomados por Roman Jakobson (1980) de forma diferenciada. Frege entendia que *Sinn* ‘sentido’ relacionava-se diretamente com a forma simbólica, i. é,





a maneira como o *Zeichen* era usado. Nesse caso, as expressões matemáticas $2+2$, $3+1$ e 4 , por exemplo, teriam *Sinn* diferentes, mas *Bedeutung* iguais. Jakobson entendeu que seria possível, nesse caso, interpretar o *Sinn* de Frege especialmente como o que ele chamou de *message* ‘mensagem’; e o *Zeichen* como os elementos *code* ‘código’ e *contact* ‘contato’. Nesse caso, o código se relacionaria diretamente com a variação da língua ou das linguagens e o contato, especialmente com sua parte material, fosse ela som, imagem, sabor, odor ou outro fenômeno perceptivo qualquer ou mesmo suas combinações. Quanto ao código, já sob a influência do signo linguístico saussuriano, estariam o significante e o significado (SAUSSURE, 1972).

Peirce propôs um interpretante distinto do *Sinn* e da *mensagem*. Para Peirce, mais próximo das influências de Hume, o interpretante seria mais propriamente uma ideia e não uma forma possível do representamem, i. é, o interpretante seria especialmente o conjunto de imagens que se formariam em nossa mente estimuladas pelo representamem. Frege não fez referência, senão muito tangencialmente, a esse aspecto do símbolo. Para ele, interessava somente saber se um símbolo tinha referência ou não, na medida em que isso poderia defini-lo como verdadeiro ou falso. Quanto a isso, Peirce tratou especialmente de símbolos que poderiam ser desprovidos de referências e, portanto, de objetos, chamando-os “ícones” (PEIRCE, 1975).

Dessas concepções de símbolo, revisitadas com extrema habilidade por Jakobson, entende-se que a manipulação de sua materialidade, portadora de todo esse conjunto, faz parte do conjunto das capacidades humanas necessárias para a formação das linguagens. Essa capacidade é a base da criação da arte, da ficção. Além disso, esse tipo de símbolo ocorre num sem-fim de expressões que praticamente obrigam os receptores a criar referências fregianas, que, na realidade, são os interpretantes de Peirce, formados pela superposição dos valores do representamem e do objeto, o ícone (FERREIRA NETTO, 2017). Com isso, não somente nos equivocamos na percepção da realidade reagindo emocionalmente a estímulos inexistentes, mas também somos levados a crer na existência dos fenômenos mais impossíveis e incoerentes (FERREIRA NETTO, 2017).

As proposições simbólicas de Frege e de Peirce, mais abrangentes do que a proposição estruturalista, abrem espaço para análises instrumentais da linguagem. Esse tipo de abordagem requer uma metodologia que considere os preceitos de Karl Popper. Para ele, a ciência exige que, depois de cumpridas todas suas etapas, ainda se respondam às necessidades suscitadas, dentre outras, por aplicações tecnológicas práticas (POPPER, 1974). Trata-se do que Popper chama de “predições”, ou seja, a possibilidade de que as conclusões obtidas do raciocínio científico empreendido se apliquem de forma bem-sucedida a casos específicos.





Embora haja pouca dúvida a respeito da universalidade do pensamento simbólico e narrativo do ser humano, há características específicas quanto às estratégias sociais desenvolvidas para seu domínio. Há que se estabelecer uma diferença entre as sociedades tradicionais, para as quais o letramento não concorre com o uso da Tradição Oral na transmissão do conhecimento e as sociedades letradas, em que as narrativas orais atuam menos para a transmissão de conhecimento do que os meios documentais com forma fixa e perene, como a escrita. No que diz respeito a estratégias sociais próprias da Tradição Oral, supõe-se tratar mais comumente de narrativas em que seu conteúdo referencial expresso pelo léxico tenha prioridade sob a forma prosódica que é apenas veículo para a informação. Nas sociedades letradas, por sua vez, espera-se que as narrativas priorizem suas funções marginais à transmissão do conhecimento, enfatizando especialmente a transmissão de emoções de qualquer natureza.

O propósito deste artigo é verificar quais as relações possíveis do representamen peirciano, tanto no que diz respeito a seu aspecto lexical quanto a seu aspecto prosódico, com a produção de narrativas orais em contexto letrado e de Tradição Oral. Este artigo se desenvolverá inicialmente abordando os meios pelos quais se descreve a prosódia, especialmente a entoação. Em seguida seu desenvolvimento estará voltado para a aplicação desses procedimentos de análise em narrativas orais, com o fito no estabelecimento de parâmetros prosódicos que permitam interpretar as narrativas do ponto de vista de seu representamen.

O modelo ExProsodia de análise da entoação

O programa de pesquisa ExProsodia que vimos desenvolvendo propõe a fala como atividade decorrente da integração entre dois sistemas diferentes: o sistema forçado, discreto, próprio das unidades da segunda articulação (MARTINET, 1978), e o sistema autossustentado, contínuo, próprio da voz humana. As unidades de segunda articulação – tomadas fonológica ou foneticamente – não têm existência independente do léxico ou de qualquer outro *chunk*, (BYBEE, 2016: 64.) o que as torna consequência da seleção lexical feita pelo falante. Apesar de essas unidades existirem somente no ambiente lexical (PIERREHUMBERT, 2003; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2004), cada uma tem um algoritmo de realização independente que produz alterações na corrente sonora da fala, concorrendo de forma coordenada com as demais manifestações vocais na mesma onda sonora. Como são o resultado desses algoritmos, ocorrem necessariamente de forma linear e discreta, formando um sistema forçado discreto (SHANNON; WEAVER, 1975; HENRIQUE, 2002). A voz humana é um sistema vibratório au-



tossustentado provido de uma fonte contínua de alimentação de energia (HENRIQUE, 2002). Os mecanismos de controle do vozeamento têm monitoramento contínuo durante sua produção, formando um sistema autossustentado contínuo (SHANNON; WEAVER, 1975; HENRIQUE, 2002).

A integração desses sistemas, cujos resultados manifestam-se na mesma onda sonora da fala, decorre da simultaneidade de sua ocorrência. O vozeamento autossustentado relaciona-se diretamente com as condições imediatas de produção da fala, sujeitando-se às condições físicas do próprio falante que provê a energia do sistema. As unidades de segunda articulação decorrem de algoritmos de realização fonética (motora) desencadeados pelas necessidades lexicais expressivas do falante, sujeitando-se às condições cognitivas do próprio falante para a recuperação lexical e o consequente acesso aos algoritmos de realização fonética de cada uma das unidades de segunda articulação que compõem o item lexical recuperado (XU; WANG, 1997; XU, 2005). Unidades de segunda articulação que compõem cada item lexical estão diretamente associadas à história de cada um desses itens lexicais e são definidas por questões sociais que não precisam estar diretamente relacionadas com os hábitos de vozeamento próprios do grupo de fala. Dessa maneira, a integração entre o vozeamento e as unidades de segunda articulação não pode pressupor uma adaptação perfeita na mídia sonora resultante.

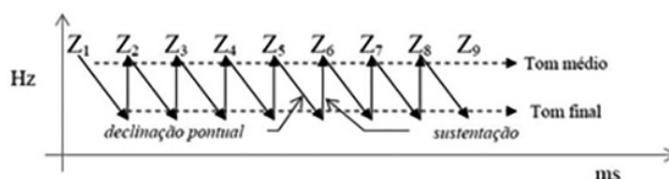
Para a decomposição desses sistemas integrados, o programa de pesquisa ExProsodia toma a entoação como uma sucessão de tons iguais ou diferentes que ocorrem na produção da fala, formando uma série temporal que sofre a ação de várias componentes para sua configuração momento a momento. Xu e Wang (1997) propuseram que a entoação ocorra sob a ação de duas componentes principais: restrições mecânico-fisiológicas e necessidades expressivas dos falantes. Às primeiras chamamos componente estruturadora e às últimas, componente semântico-funcional. A componente estruturadora decorre do esforço fisiológico mínimo dispendido para a produção de sonoridade na laringe. A componente semântico-funcional decorre das necessidades expressivas do falante, tanto para a produção de foco como a produção de ênfase. Em trabalho anterior (FERREIRA NETTO, 2006, 2008), propusemos que a componente estruturadora seja formada pelo ritmo tonal. O ritmo tonal é a sucessão dos momentos da fala em que, alternadamente, o falante desencadeia esforço fisiológico para a produção de tom para, em seguida, dispensá-lo. Ritmo tonal decompõe-se em finalização (F) e sustentação (S). A componente semântico-funcional foi definida para a língua portuguesa somente como foco/ênfase (E).

Na fala, o vozeamento ocorre principalmente em segmentos soantes. O falante alterna segmentos soantes e segmentos obstruintes ou pausas, de maneira que a entoação é entrecortada sistematicamente, dando origem ao ritmo tonal.



Quando há produção de som, temos os momentos Z_{1-n} (Figura 1), que chamamos de UBI (sigla adaptada da expressão inglesa *Unit of Base of Intonation*). A ocorrência das UBI, portanto, está restrita às condições mínimas envolvidas na sustentação que envolvem as variáveis de frequência, intensidade e duração, que não podem, obviamente, nenhuma delas igualar-se a zero; havendo ainda restrições maiores que têm de ser consideradas. Em nossa proposta, entendemos que a duração mínima de 20 ms, as frequências máxima e mínima de 50 e 700 Hz e intensidade > 0 sejam suficientes para o estabelecimento de uma UBI. Idealmente, podemos imaginar o Ritmo Tonal como o gráfico que vai na Figura 1. Nesse gráfico, o eixo das ordenadas representa as variações em Hz e o eixo das abscissas, as variações em momentos temporais. A seta pontilhada horizontal superior representa o tom médio (TM) tomado de F_0 e a seta pontilhada horizontal inferior representa a finalização (F) de F_0 . As setas diagonais descendentes representam a tendência à declinação pontual definida momento a momento em direção à F e as setas verticais representam a tendência à retomada de sustentação do TM selecionado pelo locutor.

Figura 1: Ritmo Tonal teórico



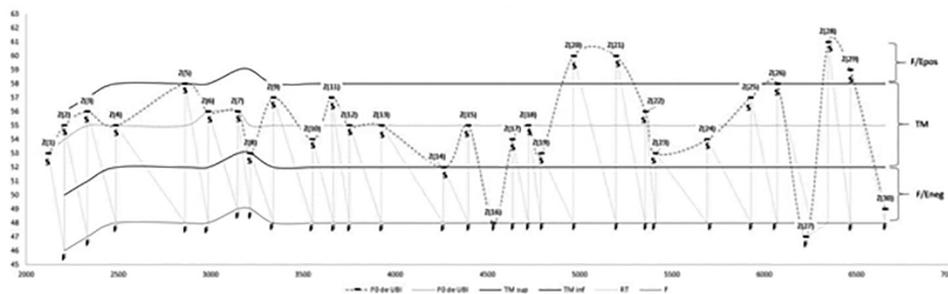
Fonte: Elaboração própria

Porque a produção da fala exige esforço para sustentar a voz com uma frequência relativamente estável, (FERREIRA NETTO, 2006, 2008) e Peres *et al.* (2009; 2011) propuseram a ocorrência de um tom médio ideal (TM) de F_0 , que se repete nos momentos Z_{1-n} mensurados de F_0 . (Figura 1) A supressão desse esforço de sustentação desencadeia uma declinação pontual que exige a retomada da tensão inicial. A sustentação (S) é consequência do esforço que se acrescenta a cada um dos momentos da fala, incluindo-se o inicial, para compensar a declinação pontual de finalização (F). Ritmo tonal é consequência da ação dessas tendências que atuam em sentidos opostos, possibilitando a produção da fala. A componente F associa-se ao fato de que se trata do tom alvo da declinação pontual, estabelecida por um intervalo ideal decrescente de 7 semitons do TM obtido até o momento Z_x . TM é a tendência central dos valores válidos de F_0 calculada como a média aritmética acumulada no tempo. A partir dessa frequência média, as frequências são categorizadas por um intervalo sistêmico lateral de 3 st acima e 4 st abaixo do valor médio de cada uma (CONSONI, 2011; MARTINS; FERREIRA NETTO, 2010, 2011; CONSONI; FERREIRA

NETTO, 2016). Os valores válidos mensurados são os momentos de F0 (UBIs) que cumprem as restrições de altura, intensidade e duração. A série temporal se configura aditivamente como $Z_x = S_x + F_x + E_x$. O modelo de análise apresentado permite a análise isolada de cada uma das componentes de F0.

O exemplo que vai na Figura 2, – em que se representa a frase “Hoje, mais de 43 milhões de brasileiros já usam computador em casa” retirada de trabalho anterior (CONCEIÇÃO et al., 2016) – mostra o Ritmo Tonal efetivamente realizado (linhas azuis pontilhadas). As variações tonais das UBIs (Z1-15) decorrem da sustentação do Tom Médio (linha escura pontilhada), cujos limites vão marcados pelas linhas escuras contínuas. F0 (linha vermelha pontilhada), desse ponto de vista, é tão somente uma Gestalt gerada pela série temporal estabelecida pela sequência das UBIs. Os valores à esquerda estão em escala midi. As letras Z indicam cada um dos momentos mensurados de F0 (UBIs); as letras F, as finalizações supostas, sendo as que vão marcadas nos momentos Z (16), Z (27) e a última à direita (Z (30)) as que realmente se realizaram; as letras S indicam os pontos de sustentação supostos, que estabelecem o Tom Médio.

Figura 2: ritmo Tonal observado



Fonte: Elaboração própria.

Por se formar de componente diretamente relacionada com a seleção lexical, o ritmo tonal não apresenta regularidade semelhante à ideal (cf. Figura 1 e Figura 2). A distribuição de segmentos obstruintes e soantes é irregular apresentando tendência entrópica, ainda que seu intervalo de distribuição apresente uma variação entre 50 e 200 ms, aproximadamente, considerando unidades temporais definidas pelo início de duas vogais sucessivas (BARBOSA, 1995). Essa tendência entrópica das sentenças, apesar de definidas pela sintaxe lexical adequada, tem sequências segmentais sonoras com apenas regras mínimas de distribuição, especialmente quanto a seus agrupamentos silábicos e seus alinhamentos em fronteira de palavras. Assim, a distribuição de segmentos soantes capazes de portar informação entonacional relaciona-se diretamente com a sintaxe lexical da língua.

A aplicação do modelo em narrativa

Uma narrativa pode ser caracterizada como uma sucessão de eventos representados simbolicamente por uma linguagem qualquer. (BRUNER, 1991) No caso de narrativas linguísticas, tais sequências simbólicas correspondem às sentenças ['clauses'] usadas para formulá-las (LABOV; WALETZKY, 1967; LABOV, 1997). A distribuição lexical decorre do acordo entre as necessidades expressivas do falante e as possibilidades de construção sintática que a língua apresenta. Cada sentença constitui-se, assim, numa unidade representacional dos eventos narrativos.

Dentre as linguagens, nosso foco é a língua falada; mais especificamente, narrativas orais. Jean Vansina foi dos autores que melhor compreendeu a produção de narrativas orais no contexto das sociedades de Tradição Oral. Vansina estabeleceu uma metodologia de análise dessas formas de manutenção do conhecimento pela oralidade pressupondo uma distinção entre forma e conteúdo de um lado, e liberdade e fixidez de outro. Quanto à forma, ele não é claro em sua definição, apenas referindo a fixidez da forma em material decorado e sujeito a regras de composição, como rimas, número de sílabas, padrões tonais, etc. (VANSINA, 1982). Entendemos que Vansina referia-se, nesse caso, à prosódia, contrastando-a com a cadeia lexical. Uma tipologia de gênero para a transmissão oral se poderia construir como uma matriz, refeita a partir de sua proposta:

Quadro 1: matriz tipológica do improviso em narrativas orais

Prosódia	-	+	-	+
Léxico	-	-	+	+
	<i>canção</i>	<i>leitura</i>	<i>rap</i>	<i>narrativa</i>

Fonte: Elaboração própria.

Dessa matriz de composição, podemos tomar, numa ponta, a narrativa como o gênero que compreende o improviso prosódico e lexical, e a canção, noutra ponta, como o gênero que rejeita o improviso. Por se tratar de fatos linguísticos, canção e narrativa, segundo a concepção simbólica de Jakobson, afetam exclusivamente o que ele chamou de mensagem, deixando referências fregianas e interpretantes peircianos além de seu escopo. No caso da narrativa, variações prosódicas e lexicais não atingem referências, i. é, os mesmos eventos serão narrados. O que nos leva de volta à definição inicial de que narrativas são uma série temporal que correlaciona eventos e suas representações simbólicas.



Dessa matriz inspirada em Vansina, prosódia e léxico, que compõem a linguagem usada na narrativa, analisam-se separadamente, bem que só existem em conjunto: narrativa com léxico e sem prosódia é texto escrito, narrativa com prosódia e sem léxico é música instrumental. Portanto, nossa análise deve pressupor o uso conjugado de léxico e prosódia. A supressão teórica de uma das partes será, entretanto, necessária na medida em que a metodologia de análise para cada uma é diferente. Podemos ver esse fato no texto abaixo.

Exemplo 1

Tava meu sobrinho na escola, né? Daí, “Ô, tio, corra aqui, ó uma cobrinha aqui no buraco”. Mas eu pensei que era uma cobrinha, né? Fui cum pedacinho de pau. Eu disse “essa cobrinha eu mato cum pedacinho de pau”. Cheguei lá, eu... dois cascavel dessa grossura! Que o bicho tava co guizo desse tamanho! Ah! Voltei correndo de lá, catei a cavadeira... Tava no buraco, num tinha jeito de dá paulada. Ca cavadeira soquei o negócio naquele rolo. Assim, né? Já espremi a cabeça dela, com a cavadeira. Segurei, né? Já quebrei ela pro meio. Acabou de cair na estrada. Acabei de matar. Má! Doi chorição dessa combridura. Ele disse “cobrinha, corra aqui matar cobrinha!”

O texto acima foi coletado no âmbito do projeto Filologia Bandeirante, na zona rural do município de Taubaté, vale do rio Paraíba, São Paulo. Foi gravado em fita cassete. Posteriormente convertido em arquivo sonoro digital. A análise acústica foi feita pelo aplicativo *Speech Filling System* (HUCKVALE, 2008) e pelo aplicativo *ExProsodia* (FERREIRA NETTO, 2010). As análises realizaram-se especialmente quanto aos aspectos sonoros do arquivo, considerando sons aperiódicos, sons periódicos e silêncios que não estivessem de acordo com os limites estabelecidos como declinações pontuais. Os limites eram os seguintes

Quadro 2: Limites para a definição de unidades entoacionais

Menor frequência	50 Hz
Maior frequência	500 Hz
Menor intensidade	5%
Menor duração UBI	40 ms
Menor pausa	300 ms

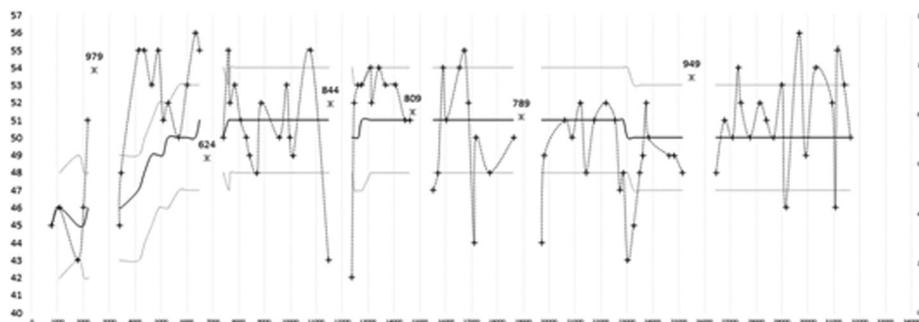
Fonte: Elaboração própria.

Os resultados obtidos podem ser vistos no gráfico que vai apresentado na Figura 3, em que a linha vermelha é a representação da entoação definida pela variação tonal das UBIs (cruzes pretas). Os valores à esquerda estão em escala midi. O Tom Médio vai representado pela linha contínua, escura. Os limites superiores e inferiores do Tom Médio vão representados pelas linhas claras contínuas. Pausas



vão descritas com sua duração em milissegundos e um pequeno marcador vermelho em forma de “x.”

Figura 3: gráfico da variação tonal extraído pelo ExProsodia



Fonte: elaboração própria.

O procedimento de análise automática da entoação, entretanto, não dá conta de relacionar sintaxe e entoação. As pausas segmentam sequências tonais em pontos que não coincidem segmentações sintáticas. Ainda que possamos tomar a hipótese de Flowe (2002), que propôs pausas como divisores de *Gestalt* discursivas, nosso propósito aqui é o de verificar especialmente a relação entre eventos narrativos e manifestações prosódicas. Na obra póstuma publicada em 1939, Trubetzkoy propôs que a sintaxe se relacionasse diretamente com a variação de frequência no correr da frase, estabelecendo para ela algum sentido suplementar. Trubetzkoy também propôs que a entoação atuasse com função conclusiva, se descendente, de continuidade, se ascendente, e ainda enumerativa, sem caracterizá-la (TRUBETZKOY, 1973).

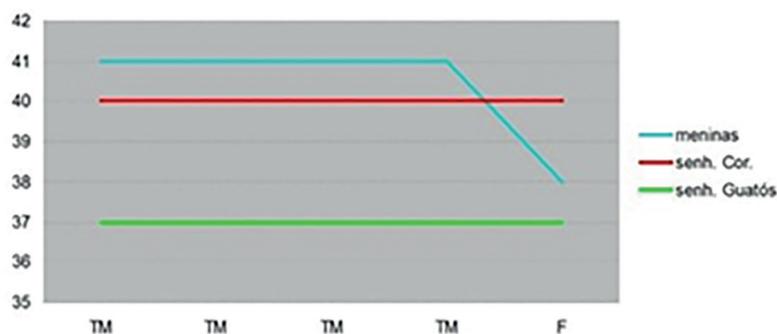
Parâmetros acústicos para a análise entoacional de narrativa

Tomando a proposição de Trubetzkoy, a finalização das frases foi definida também por Ferreira Netto (2006, 2008). Trata-se de um valor localizado abaixo do Tom Médio, num intervalo de 7 st, τ ($\tau^*0,35$), aproximadamente. O intervalo de 7 st abaixo do Tom Médio equivale a uma variação semelhante à que ocorre num intervalo entre tons Dominante e Tônica, considerando-se a escala musical temperada. (ROEDERER, 2002) A hipótese de se imaginar a finalização de frases assertivas a partir de um intervalo descendente maior do que o do Tom Médio parte de Ohala (1984), que mostra ocorrer ocasionalmente um pico de F0 mais agudo nas vozes que exibem uma maior confiança para fazer a queda final parecer ainda mais acentuada,

i. é, resultar de uma altura maior. Em Ferreira Netto e Consoni (2008), foi possível verificar essa correlação entre Tom Médio e Finalização em frases assertivas da língua portuguesa falada no Brasil, especialmente nas leituras em voz alta. Baz *et al.* (2014) verificaram que as finalizações assertivas em dados de leitura teatral ocorrem regularmente abaixo de 4 st, ultrapassando o intervalo sistêmico lateral inferior do Tom Médio. A pesquisa desenvolvida por Rosa *et al.* (2016) corrobora esses resultados.

Investigando as finalizações frasais assertivas entre mulheres idosas não letradas guatós, Costa (2010) verificou que tais finalizações não ocorrem em tom descendente. A partir de dados coletados em trabalho de campo, a autora obteve 150 frases assertivas de 15 sujeitos, distribuídos igualmente entre senhoras guatós que não passaram por processo alfabetizatório escolar, senhoras corumbaenses com muito baixa escolaridade e 5 moças corumbaenses com ensino superior. Conforme vai na Figura 4, as senhoras corumbaenses e as senhoras guatós realizaram as frases assertivas com finalização plagal, ao contrário das moças corumbaenses com ensino superior, que as realizaram com finalização autêntica. Para variação no Tom Médio, mais grave para as senhoras guatós do que para as senhoras e moças corumbaenses, não se encontrou uma justificativa. A variável escolaridade foi a única que apresentou diferença significativa para o contraste entre finalização plagal e finalização autêntica. Na Figura 4, as linhas contínuas representam a diferença entre o tom médio e a finalização de frases. A autora estabeleceu uma média geral para todos os sujeitos. A linha azul mostra a finalização de frases de sujeitos adultos de sexo feminino (descritos como “meninas” na Figura 4), apontando uma finalização autêntica muito marcada; a linha vermelha mostra a finalização de frases de senhoras corumbaenses de muito baixa escolaridade; a linha verde mostra a finalização de frases de senhoras guatós, que não passaram por processo de alfabetização escolar. As duas últimas, apesar da variação do tom médio, mais grave para as senhoras guatós, mostram uma finalização plagal.

Figura 4: Relações observadas entre Tom Médio e Finalizações em sentenças



Fonte: Costa (2010: 93)

Baz (2011) encontrou fenômeno semelhante na fala e na música popular em guarani paraguaio. Com o propósito de verificar se essa característica estava condicionada ao uso de línguas diferentes, Garcia (2015) empreendeu pesquisa entre idosos letrados e não letrados na região do médio Tietê e, comparativamente, na região norte de Portugal, todos eles falantes nativos da língua portuguesa. Os resultados obtidos corroboraram os de Costa (2010, 2016) e de Baz (2011) e demonstraram que somente a variável referente à finalização autêntica, vinculada ao letramento, era comum a esses indivíduos.

Comparando dados de fala espontânea em guarani, leitura em voz alta em português do Brasil e fala espontânea em português do Brasil, (FERREIRA NETTO et al., 2009; BAZ et al., 2014), verificamos que a organização entoacional do discurso é similar entre o guarani e a leitura em voz alta em português do Brasil; ambos os casos, por sua vez, diferem da fala espontânea do português do Brasil. Nesse trabalho, retomamos a definição de Setti (1997) de que o sistema musical guarani preconiza melodias e harmonia monocórdias (de forma não-categórica), caracterizando um núcleo tonal que descarta efeitos polarizadores ou hierarquias de tom. Desse ponto de vista, é possível associar a entoação na fala com a entoação musical e estabelecer a hipótese de que as finalizações que buscam um tom descendente abaixo de 4 st visam um centro tonal finalizador, enquanto que as demais finalizações não buscam esse mesmo tom. Esse fato reproduz na fala a mesma tendência que se verificou para a música ocidental.

Comparação da entoação entre narrativas

Encontramos esse mesmo fenômeno de finalização autêntica em análise de narrativas (FERREIRA NETTO et al., 2012), ao compararmos a sequência de variações entre o Tom Médio e a finalização de cada frase. Observe-se o exemplo abaixo, cuja transcrição segue a proposta de Wennerstrom (2001b):

Exemplo 2

↑Teve uma vez... que a/ que o meu patrão deixou eu segurando a criança den/ dele. ↓Acho que tinha ↑três meses de idade. Ele falou: “cê ↑segura nas costas”. Só que eu num segurei. [risos] ↓A ↑criança ↓foi lá ↑tembaixo e voltou assim, ó, vuup! Num sei co/ [risos] como a coluna num quebrou.

Na transcrição acima, as setas apontam para a entoação acima do Tom Médio (↑) ou abaixo do Tom Médio (↓). O sublinhado simples aponta o escopo da entoação acima do Tom Médio e o sublinhado duplo aponta o escopo da entoação abaixo do Tom Médio.



Para a extração da sentença narrativa, será necessária a classificação das sentenças, por exemplo “sd” como sentença descritivas e “sc” como sentença de ação complicadora, seguindo o modelo de Labov e Waletzky (1967) e de Labov (1997):

- sd1 - ↑Teve uma vez... que a/ que
- sc1 - o meu patrão deixou eu segurando a criança den/ dele.
- sd2 - ↓Acho que tinha três meses de idade.
- sc2 - Ele falou: “cê ↑segura nas costas”.
- sc3 - Só que eu num ↑segurei. [risos]
- sc4 - ↓A ↑criança ↓foi lá ↑embaixo e voltou assim, ó, vuup!
- sd5 - Num ↑sei co/ [risos] como a coluna num quebrou. [risos]

A análise semântica feita de acordo com as caracterizações de Bruner (1991) como no caso abaixo em que se tomou Canonicidade e Violação para a análise:

Quadro 3: características de Canonicidade e Violação segundo Bruner (1991)

Eventos narrados	Canonicidade	Violação
meu patrão deixou eu segurando a criança den/ dele		
ele falou: “cê ↑segura nas costas”	<i>Eu seguraria a criança.</i>	só que eu num ↑segurei
↓a ↑criança ↓foi lá ↑embaixo e voltou assim, ó, vuup	<i>A criança se machucaria. Eu seria penalizado.</i>	num ↑sei co/ [risos] como a coluna num quebrou

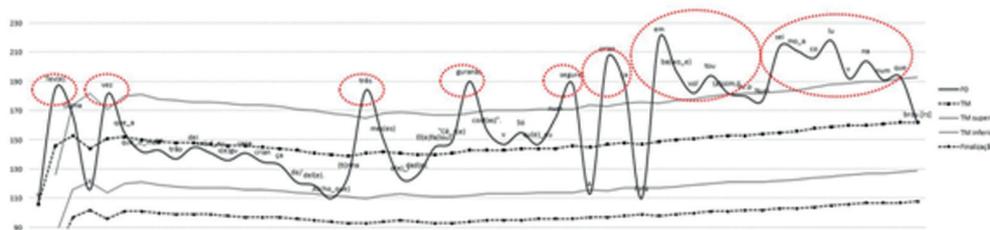
Fonte: elaboração própria

Na tabela, apresentam-se, na primeira coluna, os eventos narrados que geram expectativa. Na coluna do meio, apresentam-se as expectativas que estariam de acordo com um comportamento baseado no senso comum. Na terceira coluna, apresentam-se as violações à expectativa.

A partir da gravação sonora, utilizando o aplicativo ExProsodia (FERREIRA NETTO, 2010), extraímos as variações prosódicas de entoação do conjunto de sentenças da narrativa. Conforme podemos observar no gráfico extraído pelo aplicativo ExProsodia da Figura 5, os pontos marcados pelos círculos pontilhados vermelhos são os que ultrapassam os limites superior do Tom Médio, caracterizando-se como formas mais salientes na locução. (CONSONI, 2011; PERES et al., 2011).



Figura 5: gráfico de variações entoacionais extraídas com o ExProsodia



Fonte: elaboração própria.

O evento mais relatável (LABOV, 1997), que se caracteriza por ser o ponto de interesse da narrativa recebe, segundo Wennerstrom (2001b), as marcas de foco/ênfase mais salientes. Tomando-se o gráfico da Figura 5, podemos localizá-lo na expressão “lá embaixo e voltou.” No entanto, a se tomar cada uma das sentenças individualmente, extraíndo-lhes o Tom Médio e a finalização, uma a uma, podemos verificar que o ápice da finalização ocorre também na expressão “Só que eu não segurei.” O que, de certa maneira, concorre com a saliência da expressão “A criança foi lá embaixo e voltou.” No Quadro 3, na primeira coluna à esquerda, estão as sentenças que formam a sentença narrativa. Nas três colunas à direita, TM, F e F-TM, vão marcados, em valores midi, o Tom Médio, o tom de finalização e a diferença entre os dois, respectivamente.

Quadro 3: relação entre Tom Médio e Finalizações

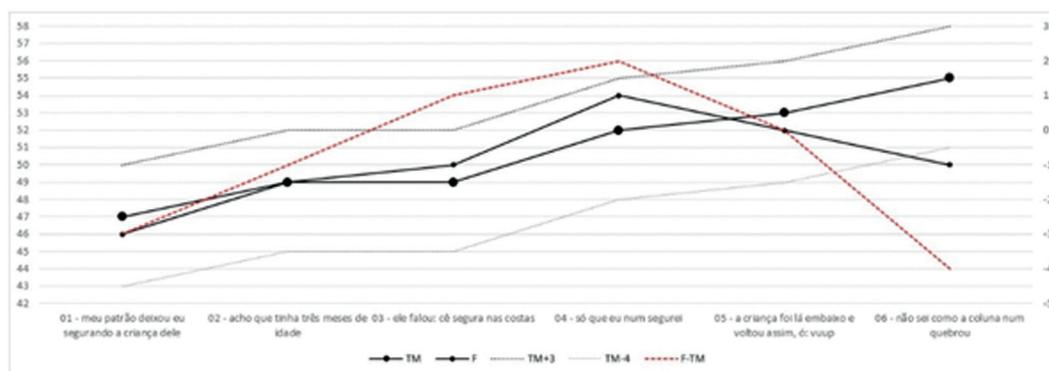
Sentenças	TM	F	F-TM
01 - meu patrão deixou eu segurando a criança dele	47	46	-1
02 - acho que tinha <u>três</u> meses de idade	49	49	0
03 - ele falou: cê segura <u>nas costas</u>	49	50	+1
04 - só que eu num <u>segurei</u>	52	54	+2
05 - a criança foi lá <u>embaixo</u> e <u>voltou</u> assim, ó: vuup	53	52	0
06 - não <u>sei</u> como a coluna num <u>quebrou</u>	55	50	-4

Fonte: elaboração própria

Apesar de a entoação apontar de forma geral para um evento mais relatável (WENNERSTROM, 2001a) socialmente mais bem aceito, a interpretação de detalhes de cada sentença aponta também para outro evento que Morais (2007) chamou de *intensifying emphasis* – ou L+[HH]*L%, na notação usada pelo autor. Conjugando a análise da entoação com a das características da narrativa, podemos

verificar que a violação “deveria segurar, mas não segurei” é provocada pelo próprio narrador e vai marcada com a *intensifying emphasis* de Morais (2007). Ela concorre com o evento mais relatável da sentença seguinte – “a criança foi lá embaixo e voltou assim, ó: vuup.” – que vai marcado pelo pico de frequência da narrativa. Na Figura 6, podemos verificar, também, que o intervalo estabelecido entre o Tom Médio e a Finalização na última sentença da narrativa é, em números absolutos, maior do que o das demais sentenças, formando uma finalização descendente autêntica e definindo uma entoação tonal. A linha de cor preta mais larga contínua com marcadores redondos grandes mostra o tom médio de cada frase, na sequência em que ocorreram, a linha contínua fina mostra a finalização de cada frase, também na sequência em que ocorreram. As duas linhas de cor cinza paralelas à do tom médio mostram os limites perceptuais do tom médio (3 st ascendentes, 4 st descendentes). A linha vermelha mostra diferença entre finalização e tom médio para cada frase. O círculo pontilhado vermelho mostra o pico da diferença entre finalização e tom médio.

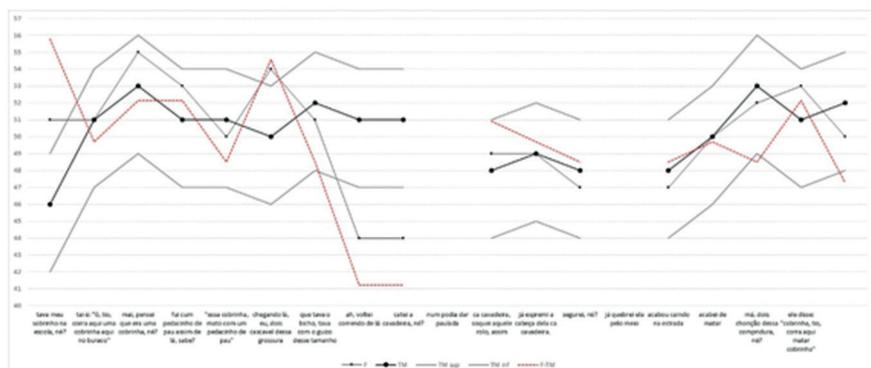
Figura 6: gráfico representando a variação entoacional do Tom Médio e das finalizações



Fonte: elaboração própria.

Se compararmos o gráfico que vai na Figura 6 com o gráfico, extraído da narrativa do Exemplo 1, com o que descreve a narrativa do Exemplo 2 (construído com as mesmas características gráficas), podemos verificar que a relação entre o Tom Médio (TM) e as finalizações (F) – linha pontilhada vermelha – não estabelece percursos semelhantes. A última sentença não tem finalização descendente, ocorrendo próxima ao Tom Médio, caracterizando uma finalização plagal. O Tom Médio, por sua vez, permanece estável, com ligeira elevação no final. O pico da série F-TM, referente aos intervalos entre finalização e Tom Médio, ocorre nas sentenças “voltei correndo de lá, catei a cavadeira”, sem apontar para uma manifestação expressiva. Ainda que na Figura 3 seja possível verificar vários momentos em que houve caracterização de Foco/Ênfase, esses momentos não caracterizaram uma progressão tonal de F0 e de Tom Médio.

Figura 7: gráfico da variação entoacional do Tom Médio e das finalizações do texto do Exemplo 1



Fonte: elaboração própria.

Na medida em se pode verificar relações entre a entoação e a fala, e que a entoação pode representar durante a fala uma forma própria no uso de tons diferentes encadeados tal como a melodia o faz, é possível correlacionar as mudanças na produção de melodias com mudanças na entoação (FERREIRA NETTO, 2015). Assim, a entoação frasal assertiva dos grupos não letrados e dos não ocidentais guatós e guaranis que analisamos acima não pode ser caracterizada como tonal, por não ter um ponto de convergência como nas finalizações autênticas, sendo, portanto, modal com finalização plagal. A entoação frasal assertiva das leituras em voz alta em língua portuguesa, por sua vez, pode caracterizar-se como tonal, na medida em que tem uma finalização autêntica, que aponta para um centro tonal, localizado a mais de 4 st abaixo do Tom Médio (FERREIRA NETTO; CONSONI, 2008).

Considerações finais

Os pressupostos estabelecidos na introdução deste artigo de que nas sociedades de Tradição Oral as narrativas não tomam o representamen prosódico senão como veículo de suporte recebe evidências pela análise empreendida. Desse ponto de vista, as narrativas podem atuar como técnicas para a transmissão da emoção, tal como se pressupõe para as narrativas de sociedades letradas, mas não precisam fazê-lo. A ênfase precípua da Tradição Oral recai no conjunto de conhecimentos que tem de ser transmitido entre as gerações.

As narrativas orais produzidas no âmbito das sociedades letradas prescindem dessa ênfase na transmissão do conhecimento porque perderam essa função



social para as formas documentais escritas, principalmente. Tais narrativas passaram a ter um uso voltado ao entretenimento, priorizando estratégias que desencadeiem emoções diversas em seu receptor. Dentre as estratégias, parece que a prosódia passou a assumir papel de veículo agregado que orienta o ouvinte quanto à forma de interpretar a sequência lexical, organizada em sentenças que compõem a narrativa. A marcação tonal das finalizações de cada sentença acompanha a sequências dos eventos, formando uma linha ascendente-descendente, semelhante à pirâmide de Freitag (FERREIRA NETTO, 2017). Fenômeno semelhante não se manifesta na narrativa da Tradição Oral que analisamos.

A análise entoacional das narrativas, segundo os critérios dispostos neste ensaio, pode trazer informações significativas sobre a forma pela qual são salvaguardadas do esquecimento. Ainda que, entre falantes letrados, fosse de se esperar que a participação de forma prosódica fixa na produção de narrativas não ocorresse, os dados apontaram para uma hipótese diferente. A orientação tonal marcada parece servir como meio simbólico de sustentação da sequência dos eventos que serão narrados. Para as populações de Tradição Oral, entretanto, a orientação parece voltar-se especialmente para a seleção lexical, sendo a entoação uma decorrência própria do uso da fala. Esses dados corroboram a hipótese de Vansina quanto ao improvisado na seleção lexical e na prosódia para as populações de Tradição Oral, no entanto, trazem alguma novidade quando retirados de populações letradas, pois a prosódia dessas narrativas tem algo de fixo, que merece maiores estudos.

Referências

- BARBOSA, P. A. “Estrutura rítmica da frase revelada por aspectos de produção e percepção de fala”. SEMINÁRIO DO GEL, 43, 1995.
- BAZ, D. G. M. **As relações entre entoação frasal e melodia de músicas populares paraguaias**. 2011. 161 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BAZ, D. G. M. et al. “Tonal variation in the finalization of Brazilian Portuguese sentences”. In: **Laboratory Approaches to romance phonology-larp**. Aix-en-Provence 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13140/2.1.4249.0242>. Acesso em: 7 nov. 2017.
- BRUNER, J. “Narrative construction of reality” In: **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.



BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

CONCEIÇÃO, G. D. et al. “Avaliação do tom médio em manchetes telejornalísticas apresentadas por mulheres” In: FERREIRA NETTO, W. (Org.). **ExProsodia: resultados preliminares**. São Paulo: Editora Paulistana, 39-41 p. 2016.

CONSONI, F. **Aspectos da percepção da proeminência tonal em português brasileiro**. 2011. 119 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____.; FERREIRA NETTO, W. “A percepção de variação em semitons ascendentes em palavras isoladas no Português Brasileiro”. In: FERREIRA NETTO, W. (Org.). **ExProsodia: resultados preliminares**. São Paulo: Paulistana: 19-23 p. 2016.

COSTA, N. S. A. **Variações entoacionais na língua portuguesa falada por mulheres guatós**. 2010. Tese. (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. “Variações entoacionais na língua portuguesa falada por idosos Guatós e não índios” In: FERREIRA NETTO, W (Org.). **ExProsodia: resultados preliminares**. São Paulo: Paulistana, 2016. p. 82-90.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. “Representações múltiplas e organização do componente linguístico” In: **Forum Linguístico**, v. 4, n. 1, p. 147-177, 2004.

FERREIRA NETTO, W. **Variação de Frequência e Constituição da Prosódia da Língua Portuguesa**. 2006. 89 f. Livre docência (Livre-Docência em Fonética). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. “Decomposição da entoação frasal em componentes estruturadoras e em componentes semântico-funcionais”. In: Congresso Nacional de Fonética e Fonologia 2008. Disponível em https://www.academia.edu/2272651/Decomposi%C3%A7%C3%A3o_da_entoa%C3%A7%C3%A3o_frasal_em_componentes_estruturadoras_e_sem%C3%A2ntico-funcionais

A3o_da_entoa%C3%A7%C3%A3o_frasal_em_componentes_estruturadoras_e_sem%C3%A2ntico-funcionais. Acesso em 07 nov. 2017.

_____. “ExProsodia”. In: **Revista de Propriedade Industrial**. SÃO PAULO, U. D. S. Brasil. RS 08992-2 2010.

_____. “Finalização de frases na música e na fala”. Simpósio em Neurociência e Cognição Musical. São Bernardo 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.1.1232.8407>. Acesso em: 07 nov. 2017.



_____. **Tradição Oral, Narrativa e Sociedade**. São Paulo: Paulistana, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/85-99829-94-3>. Acesso em: 7 nov. 2017.

_____; CONSONI, F. “Estratégias prosódicas na leitura em voz alta e da fala espontânea”. In: **Alfa**. Revista de Linguística, v. 52, n. 2, p. 521-534, 2008.

_____; CONSONI, F.; PERES, D. O. “Finalizações de frases em leituras e frases espontâneas no PB”. In: Seminário do Gel, 57. Ribeirão Preto: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo 2009.

_____. “Brazilian Portuguese intonation: A comparison between automatic and perceptual analyses”. In: **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 132, n. 3, 2012.

FLOWE, W. C. **The form and function of prosodic stylization in spoken discourse**. 2002. (Doutorado em Philology) – Universitat Konstanz, Konstanz, 2001.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: FREGE, G. (Ed.). **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 59-86.

GARCIA, R. R. **A entoação do dialeto caipira do Médio Tietê: reconhecimento, características e formação** 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

HENRIQUE, L. L. **Acústica musical**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.

HUCKVALE, M. A. **Speech Filing System v.4.7/Windows SFSWin Version 1.7**, em 17/02/2008. Disponível em: <http://www.phon.ucl.ac.uk/resource/sfs/>. Acesso em: 22 jan. 2013.

HUME, J. **Tratado da natureza humana**. Uma tentativa de introduzir o método experimental nos assuntos morais. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

JAKOBSON, R. “Metalanguage as a linguistic problem”. In: JAKOBSON, R. (Ed.). **The framework of language**. Michigan: University of Michigan, 1980. p. 81-92.

LABOV, W. “Some further steps in narrative analysis”. In: **The Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1-4, p. 395-415, 1997.

_____; WALETZKY, J. “Narrative Analysis: oral versions of personal experience”. In: HELM, J. (Ed.). **Essays on the Verbal and Visual Arts**. Proceedings of the 1966 Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society. Seattle: American Ethnological Society; University of Washington Press, 1967. p. 12-44.



MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. 8ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1978.

MARTINS, M. V. M.; FERREIRA NETTO, W. “Prosódia e escalas de frequência: um estudo em torno da escala de semitons”. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 8, n. 15, p. 286-296, 2010.

_____. V. M.; _____. “Speech intonation and perception: A study of frequency scales for Brazilian Portuguese”. In: **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 129, 2011.

MORAIS, J. A. D. “Intonational Phonology of Brazilian Portuguese” In: WORKSHOP ON INTONATIONAL PHONOLOGY: UNDERSTUDIED OR FIELDWORK LANGUAGES, ICPHS 2007 SATELLITE MEETING. Saarbrücken 2007.

OHALA, J. J. “An ethological perspective on common cross-language utilization of F0 of voice”. In: **Phonetica**, v. 41, n. 1, p. 1-16, 1984.

PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. “O ícone, o indicador e o símbolo”. In: MOTA, O. S. D. e HEGENBERG, L. (Ed.). **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix/ Universidade de São Paulo, 1975. p.115-134.

PERES, D. O.; CONSONI, F.; FERREIRA NETTO, W. “Decomposição da entoação frasal em componentes estruturais e semântico-funcionais: um teste com análise da variação de gênero”. In: OSUCHIL - The Ohio State University Congress On Hispanic And Lusophone Linguistics. Ohio 2009.

_____.; _____.; _____. “A influência da cadeia segmental na percepção de variações tonais”. In: **LLJournal**, v. 6, n. 1, 2011.

PIERREHUMBERT, J. B. “Probabilistic phonology: Discrimination and robustness”. **Probabilistic Linguistics**, p. 177-228, 2003 2003.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. 2. São Paulo: Cultrix, 1974.

ROEDERER, J. G. **Introdução à física e psicofísica da música**. São Paulo: Edusp, 2002. ISBN 85-314-0457-6.

ROSA, R.; CONSONI, F.; FERREIRA NETTO, W. “A questão da correlação entre a análise automática das finalizações prosódicas e a separação intuitiva de frases em textos longos.” In: FERREIRA NETTO, W. **ExProsodia: resultados preliminares**. São Paulo: Paulistana, 2016. p. 61-63.



SAUSSURE, F. D. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SETTI, K. "Os índios Guarani-Mbyá do Brasil: notas sobre sua história, cultura e sistema musical." In: BISPO, A. A. (Ed.). **Jarbuch die musikkulturen der indianer brasiliens**. Köln, v.1, 1997. p. 73-145.

SHANNON, C. E.; WEAVER, W. **A teoria matemática da comunicação**. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

TRUBETZKOY, N. S. **Principios de fonología**. Madrid: Editorial Cincel, 1973.

VANSINA, J. "A tradição oral e sua metodologia". In: KIZERBO, J. (Ed.). **História geral da África**. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática, v.1, 1982. p.157-179.

WENNERSTROM, A. "Intonation an evaluation in oral narratives". In: **Journal of Pragmatics**, v. 33, p. 1183-1206, 2001a.

WENNERSTROM, A. **The music of everyday speech**. Prosody and discourse analysis. Oxford: Oxford University Press, 2001b.

WERTHEIMER, M. "Laws of organization in perceptual forms". In: GREEN, C. D. (Org.) **Classics in the History of Psychology**. Toronto: York University 1938.

XU, Y. "Speech melody as articulatorily implemented communicative functions". **Speech Communication**, v. 46, n. 3-4, p. 220-251, Jul 2005.

XU, Y.; WANG, Q. E. Components of intonation: what are linguistic, what are mechanical/physiological?. International Conference On Voice Physiology And Biomechanics, 1997, Evanston. Disponível em: <http://www.homepages.ucl.ac.uk/~uclyyix/voice.html>. Acesso em: 7 nov. 2017.

